

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LISÍSTRATA – UMA LEITURA, UMA PROJEÇÃO
6 de Dezembro de 2023**

**FLICKORNA / 1968
("As Raparigas")**

Um filme de Mai Zetterling

Realização: Mai Zetterling / Argumento: David Hughes e Mai Zetterling, baseado na *Lisístrata* de Aristófanés / Direcção de Fotografia: Rune Ericson / Direcção Artística: Charles Delattre / Guarda-Roupa: Ulla-Britt Soderlund / Música: Michael Hurd / Som: Bob Allen / Montagem: Wic Kjellin / Interpretação: Bibi Andersson (Liz Lindstrand), Harriet Andersson (Marianne), Gunnel Lindblom (Gunilla), Gunnar Bjornstrand (Hugo), Erland Josephson (Carl), Frank Sundstrom (amante de Marianne), Ake Lindstrom (Bengt), Stig Engstrom (Thommy), Leif Liljeroth, Ulf Palme, Ingvar Kjellson, Signe Enwal, Bellan Roos, Chris Wahlstrom, Marine Grunberger, Per Grever, etc.

Produção: Sandrews / Produtor: Goran Lindgren / Cópia em 35mm, preto e branco, falada em sueco com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / Duração: 100 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

AVISO: O filme termina sem a tradicional legenda de "Fim" ou qualquer genérico de fecho. Não se trata de nenhum problema desta cópia, foi mesmo assim que Mai Zetterling concebeu o final de **Flickorna**.

A sueca Mai Zetterling (1925-1994) tornou-se inicialmente conhecida como actriz no cinema inglês, com pontuais passagens por produções hollywoodianas. Antes disso, claro, foi revelada pelo cinema do seu país natal, onde trabalhou com alguns dos maiores Alf Sjöberg (em **Hets**, de 1944, o filme da afirmação de Zetterling, então com 19 anos), e quase inevitavelmente Ingmar Bergman (**Musik i Mörker**, de 1948, onde nalguns planos bastante ousados para a época aparecia completamente nua). Nunca chegou a ser propriamente uma estrela internacionl, mas teve presenças importantes em filmes dirigidos por realizadores como Terence Fisher, Edmond T. Greville ou Sidney Gilliat. A partir dos anos 60 encetou uma carreira como realizadora, tendo esta decorrido sobretudo Suécua. Dessa carreira, **Flickorna**, filme de elenco altamente "bergmaniano" (para além do trio feminino que o encabeça encontramos ainda Erland Josephson e Gunnar Bjornstrand), permanece com um dos mais célebres títulos.

A temática feminista aparenta ser uma das constantes da obra de Zetterling. "Feminista profissional", chamava-lhe, não sem alguma maldade, David Wilson na "review" (nada entusiástica) de **Flickorna** publicada no MFB em 1970. E não há, de facto, como

escapar-lhe, visto que a mensagem feminista é o centro e a substância de **Flickorna**. Não por acaso, o filme é “arrancado” à *Lisístrata* de Aristófanes, peça que obviamente foi escolhida a dedo. E o que o põe em marcha é a analogia entre essa peça, ou entre situações dela, e as vidas e as circunstâncias das três atrizes que a interpretam numa tournée por várias localidades suecas. Através da peça e da tournée, as três mulheres empreendem uma espécie de viagem de emancipação, que culmina com a decisão de Liz (Bibi Andersson) de se divorciar.

Como quase todos os filmes assumidamente “-istas” (“femin-“ ou outra coisa qualquer) **Flickorna** não escapa a ser também algo maniqueísta (uma rima que é quase sempre inescapável), o que se vê bem no retrato dos homens – todos oscilando entre o ligeiramente patético e o profundamente patético. Não é que não faça sentido dentro dos objetivos políticos do filme, mas encerrando as personagens dentro de categorias, e privilegiando as categorias à individualidade das personagens, perde-se alguma força. Que se reencontra espaçadamente (a força) quando o filme se descola da caracterização estrita, por exemplo naquela que para todos os efeitos é uma das mais fortes e surpreendentes cenas do filme, a do “strip” colectivo que deixa os homens em pânico – até porque é uma das poucas vezes em que, convocando “fantasmas” sexuais razoavelmente explícitos e específicos, Mai Zetterling permite que “homens” e “mulheres” sejam um pouco mais do que as simples “abstracções sociais” para que o filme os remete na maior parte do tempo.

Este relativo primado da “mensagem” acaba por reduzir o impacto de um dos condimentos mais interessantes de **Flickorna**, em termos de “problema cinematográfico”: a relação entre o “teatro” e a “vida”. Zetterling faz o teatro avançar para além do palco, e o artificialismo transmite-se às cenas da “vida”, onde o realismo nunca é um dado seguro. Tem-se a sensação de que **Flickorna** funciona como uma grande farsa, sem medo do grotesco, é verdade, mas também sem evita cair numa certa histeria (inclusive na representação). Claro, esse grotesco e essa histeria integram a lógica de agressividade que é indissociável do clima de guerrilha feminina (ou feminista) que movimenta o filme. Mas essas mesmas agressividade e guerrilha talvez não funcionem tão bem como quando Zetterling descobre ideias simples para as potenciar: a cena do cinema, quando a plateia feminina desata a alvejar (com ovos, tomates, o arsenal tradicional de uma plateia enfurecida) o ecran onde passam imagens de “grandes líderes” do século XX (Hitler, Estaline, Mao, etc). “It’s a man’s world”, e essa cena exprime-o bem.

Há outras boas ideias espalhadas pelo filme, bastante mais ambíguas. Os espelhos deformados do final, por exemplo, na curiosamente longa sequência de baile que encerra o filme. Por elas, mas também por *elas* (o luminoso trio de atrizes que domina o filme), **Flickorna** é um filme bastante singular, arrojado (isto é, sem medo de fracassar), interpelador, que o tempo tornou num documento sociológico: eis como eram, como pensavam, com que sonhavam, as “*flickorna*” suecas do final dos anos 1960.

Luís Miguel Oliveira